

DEUSES, HOMENS E LIVRE ARBÍTRIO
EM A *TEBAIDA* DE ESTÁCIO
Gods, men and free will in the Thebaid of Statius

William Dominik*

RESUMO

Este estudo examina os deuses, os homens e o livre arbítrio da humanidade no *Thebaida*, de Estácio. Os papéis dos deuses, principais e secundários, são discutidos, sobretudo os papéis de Júpiter, Plutão e das Fúrias. Ao contrário dos pontos de vista da maioria dos críticos, o principal estímulo da ação humana do poema revela-se provir da motivação interna e das ações dos deuses, em vez da disposição inata e do impulso dos humanos individuais. A consequência do controle sobrenatural dos assuntos humanos é que os personagens do poema têm pouca oportunidade para exibir livre arbítrio e, conseqüentemente, de influenciar significativamente a direção dos eventos que ocorrem na epopeia.

Palavras-chave: *Estácio; Thebaid; os deuses; os homens; o livre arbítrio; Júpiter; Plutão; Fúrias.*

ABSTRACT

This study examines the gods and human free will in the *Thebaid*. The roles of the major and minor gods are discussed, especially those of Jupiter, Pluto and the Furies. Contrary to the views of most scholars, the main stimulus of the human action of the poem is shown to spring from the internal motivation and actions of the gods rather than from the innate disposition and drive of the individual human characters. The consequence of the overriding supernatural control of human affairs is that

* Professor dos Estudos Clássicos na Universidade de Otago, Nova Zelândia.

the characters of the poem have little opportunity to display free will and therefore to exert any real meaningful influence over the direction of events that occur in the epic.

Key-words: *Statius; Thebaid; gods; men; free will; Jupiter; Pluto; Furies.*

INTRODUÇÃO

A *Tebaida* é uma estória sobre a aniquilação da humanidade engendrada sobrenaturalmente¹. O aparato divino da *Tebaida* sustenta sua estrutura temática, ao mesmo tempo em que o impacto destrutivo sobre a humanidade de sua relação com os deuses é o foco de toda a estória. As inúmeras ações injustas e cruéis dos poderes superiores é um reflexo de sua frequente falta de compaixão e preocupação com a humanidade. Apesar dos deuses ocasionalmente deixarem transparecer um fugaz interesse pela desgraça de uma pessoa favorita ou expressar preocupação com o destino de uma cidade em especial, suas atitudes acerca da raça humana são, em geral, hostis ou indiferentes. Através de suas ações, os vários poderes sobrenaturais são instrumentos para incitar violência e derramamento de sangue na humanidade. Sem suas frequentes perniciosas intervenções, especialmente as de Júpiter, Plutão e as Fúrias, não haveria motivação para a maioria das ações humanas na *Tebaida*. Júpiter desempenha o papel crucial de motivação no épico a partir do momento em que seu estímulo para instigar o conflito entre tebanos e argivos é a destruição das raças tebanas e argivas, e quase cada um dos incidentes importantes do poema leva a esse fim. A execução de seus decretos (*Teb.* 1.214-247, 3.229-252, 7.6-33) e os de seu irmão Plutão (8.34-79), a morte e o sofrimento de incontáveis vítimas inocentes, que eram capturadas em guerras trágicas incitadas primeiramente por malévolas forças sobrenaturais. A subsequente conduta irracional e ímpia da humanidade é geralmente mostrada como sendo inspirada por poderes divinos que são essencialmente antagônicos à raça humana e são mostrados propulsionando-a precipitadamente à destruição.

Minha alegação é que, quase sem exceção, os vários poderes sobrenaturais na *Tebaida* servem de instrumento para suas ações de incitar o derramamento de sangue e a violência na humanidade. Discute-se que as

¹ Eu gostaria de agradecer André Rebelo por sua assistência na tradução deste texto para publicação. Eu também gostaria de expressar a minha gratidão à CAPES pela outorga da bolsa que fez esta publicação possível.

ações dos personagens individualmente são consistentes com sua natureza, mas não seria o caso de a motivação direta da maioria das ações e condutas humanas no poema serem atribuídas às ações nocivas e intervenções dos deuses, especialmente as de Júpiter, Plutão e as Fúrias. O papel dos deuses em incitar ações humanas destrutivas aplica-se, particularmente, na maldição de Édipo, na disputa entre Polinice e Etéocles, na tentativa de Polinice se apropriar dos poderes de seu irmão, na guerra entre Tebas e Argos e no fratricídio dos irmãos. A declarada intenção de Júpiter de instigar o conflito entre tebanos e argivos é a destruição de ambas as raças (1.241-247; cf. 1.224-226, 3.244-252) e quase todo incidente importante no poema leva a esse fim. A fraqueza e o desamparo do homem diante da devastadora oposição sobrenatural são perfeitamente demonstrados pelas incontáveis mortes trágicas e imenso sofrimento humano que ocorrem no poema. A deprimente *Weltanschauung* da *Tebaida* é também parcialmente baseada no que o poeta sente como sendo a limitada capacidade do homem para entender a natureza da condição humana, particularmente sua posição em relação aos poderes superiores. Isto se dá, pois, na *Tebaida*, o homem tem pouca oportunidade de praticar o livre arbítrio. Quase todas as ações importantes da *Tebaida* nascem da influência divina sobre o comportamento humano. As cenas mais importantes do épico, a saber, nos livros 1, 3, 7 e 8, incluem decretos de Júpiter e Plutão cujos cumprimentos exigem a morte e o sofrimento de incontáveis vítimas inocentes de Tebas e Argos, que são capturados em guerras trágicas, incitadas principalmente por forças sobrenaturais maléficas. Os deuses ocasionalmente demonstram um especial interesse e preocupação em uma pessoa ou cidade predileta, mas suas atitudes acerca da humanidade são geralmente hostis e indiferentes.

Olímpicos como Juno (p. ex., *Teb.* 10.126ff.), Vênus (p. ex., 5.157ss., 190ss.), Apolo (p. ex., 1.596-604, 627-633), Diana (p. ex., 9.665-667) e Baco (cf., p. ex., 7.211-216) aparecem em diversas ocasiões inspirando várias figuras humanas a cometerem crimes hediondos ou tramando situações favoráveis ao cometimento de façanhas desumanas. Marte, um dos mais temidos deuses na *Tebaida*, é mostrado em inúmeras ocasiões destruindo nações ou incitando povos à violência (p. ex., 3.577-593, 7.131-139, 8.383-387), enquanto Tisífone e Megera são retratadas diretamente impondo suas vontades a várias figuras humanas mais frequentemente que qualquer outro poder sobrenatural na narrativa principal. Estes incidentes incluem conspiração para incitar a maldição de Édipo sobre seus filhos (cf. 1.51s.)², ludibriar Etéocles e Polinice e infundi-los com inveja e ódio um do outro e um insaciável desejo de poder

² HOLLAND, James E. *Studies on the Heroic Tradition in the Thebaid of Statius*. Ph.D. Diss. Missouri, Columbia, 1976. p. 169.

(1.123-130, 7.466s.), e causar o fratricídio de Polinice e Etéocles sob influência de seus atos (11.150-154, 197-209, 383-392). Essas e outras cenas atestam a falta de poder dos seres humanos e sua falta de livre arbítrio em um mundo dominado por deuses malévolos e displicentes. O foco de Estácio na narrativa da batalha (7.632-11.572) sobre os Sete, cujo comportamento destrutivo é divinamente motivado e cujas mortes – com exceção das de Tideu e, obviamente, Adrasto, que sobreviveu à guerra – podem ser atribuídas à intervenção nociva dos deuses, traz provas da futilidade definitiva da vida humana em face da impressionante oposição sobrenatural. A *Tebaida* representa um universo hostil em que os inocentes estão propensos a tornarem-se as vítimas da vingança sobrenatural tanto quanto os infames. A ausência de livre arbítrio na *Tebaida* é a consequência da fraqueza e do sofrimento da raça humana em um universo opressivo. Tebanos e argivos são amplamente retratados como vítimas sem esperança de uma guerra instigada por Júpiter (p. ex., *Teb.* 1.241-246; cf. 1.224s., 3.248-251) para destruir as raças. A imposição da vontade divina sobre a humanidade é vista consistentemente como sendo o fator principal por trás do fraco e desesperançoso estado humano, a inabilidade da humanidade para controlar seu próprio destino e sua falta de livre arbítrio.

DEUSES E HOMENS

Cenas importantes e numerosos incidentes menores atestam especificamente o poder, a malignidade e a injustiça dos Olímpicos. Em três importantes cenas (1.197ss., 3.218ss., 7.1ss.) – as duas primeiras são conselhos Olímpicos – um sermão de Júpiter (1.214-247, 3.229-252, 7.6-33) enfatiza seu papel destrutivo através de sua preocupação na execução de seu plano para destruir Tebas e Argos. Em cada cena, um comando Joviano, que é designado para causar máxima destruição, é seguido pelo apelo de um colega Olímpico de misericórdia em nome de Tebas e Argos. Incontestavelmente, estes pedidos de Juno (1.250-282), Vênus (3.269-291) e Baco (7.255-292) contêm um elemento de preocupação egoísta, mas as respostas de Júpiter (1.285-302, 7.195-221) e Marte (3.295-316) a eles destacam a firme determinação de Júpiter de destruir as duas cidades e lembrar à audiência que ele está firmemente no controle dos eventos que se desdobram, apesar dos comentários de uma recente crítica de que Júpiter estaria perdendo seu poder e controle do cosmos⁵ e não obtém

⁵ GANIBAN, Randall T. *Statius and Virgil: The Thebaid and the Reinterpretation of the Aeneid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 180.

sucesso na liderança do épico⁴. Os cenários e discursos dos Olímpicos realçam as temáticas centrais do épico através de uma vívida ilustração da supremacia de Júpiter sobre os outros poderes divinos e seu controle sobre o destino (de uma forma geral e, especificamente, o humano). Enquanto Júpiter convence seu público que ele é pacífico, indulgente e temperado (cf. 7.195ss.), sua alegação para tal natureza é camuflada por suas ações na narrativa poética. A imagem que emerge é a de um monarca governando peremptoriamente e com calma inabalada em um cenário majestoso⁵.

Júpiter tem sido descrito como ‘more preposterous rather than sinister’, ‘an incompetent administrator with enormous destructive power’, ‘extremely dangerous as well as laughable’, ‘whimsical’, ‘absent minded’⁶, ‘pompous’⁷, até mesmo ‘a blustering buffoon’⁸. O governador do cosmos é, sem dúvidas, poderoso e perigoso, mas quase não pode ser apropriadamente descrito como incompetente e ridículo. Como também não é verdade dizer que ‘there really does seem to be no effective authority in the universe, certainly no coherent plan’⁹, ou sugerir que ‘Jupiter’s loss of power (not simply his refusal to use it) is central to the politics of the epic’¹⁰. Uma das razões para a pretensa incompetência de Júpiter e desconhecimento de seu atraso, por exemplo, quando ele anuncia seu grande plano para destruir Tebas e Argos apenas depois de a narrativa ter mostrado que as Fúrias puseram os eventos em prática¹¹, e quando ele faz nada por alguns anos depois de declarar sua determinação em destruir as cidades¹². Mas os problemas da Casa de Tebas, incluindo Édipo e seus filhos, começam bem antes do início da *Tebaida* (cf. 1.227-245) e, além disso, um dos princípios norteadores da *Tebaida* é que é possível adiar o destino, mas não evitá-lo, ideia que caracteriza o épico em geral. Em todo caso, os outros Olímpicos não simplesmente se subjugavam a Júpiter por medo de sua sede de sangue e suserania vingativa, ou tampouco é apenas Marte quem sente prazer com a inevitável destruição e derramamento

⁴ GANIBAN, *Statius and Virgil*. p. 110.

⁵ *Contra* HILL, D. E. *Thebaid* I Revisited. In: DELARUE, Fernand; GEORGACOPOULOU, Sophia; TAISNE, Maria (Org.). *Epicition: Hommage à P. Papinius Statius* 96-1996. Poitiers: UFR Langues Littéraires, 1996. p. 35-36, 39-40.

⁶ AHL, Frederick M. *The Thebaid: A Reconsideration. Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* 2.32.5, 1986. p. 2844, 2847.

⁷ HILL, D. E. *Statius’ Thebaid: A Glimmer of Light in a Sea of Darkness*. In: BOYLE, A. J. (Org.). *The Imperial Muse. Ramus Essays on Roman Literature of the Empire: Flavian Epicist to Claudian*. Bendigo: Aureal Publications, 1990. p. 106.

⁸ HILL, D. E. *Jupiter in Thebaid 1 Again*. In: SMOLENAARS, Johannes J. L.; VAN DAM, Harm-Jan; NAUTA, Ruurd (Org.). *The Poetry of Statius*. Leiden: Brill, 2008. p. 129.

⁹ HILL, D. E. *Statius’ Thebaid*. p. 106.

¹⁰ GANIBAN, *Statius and Virgil*. p. 180.

¹¹ HILL, *Statius’ Thebaid*. p. 106.

¹² BERNSTEIN, Neil. *Auferte Oculos: Modes of Spectatorship in Statius Thebaid* 11. *Phoenix*, n. 58, 2004. p. 65.

de sangue resultante dos planos de Júpiter. Em vez disso, Olímpicos, como Plutão (8.34-79), Marte (p. ex., 3.220s.) e Baco (cf. 7.211-216) são mostrados em várias ocasiões inspirando várias figuras humanas a cometerem crimes hediondos de violência e derramamento de sangue ou tramando situações favoráveis à execução de seus suas proezas cruéis.

O papel de Plutão em predeterminar os destinos horríveis de várias figuras mostra a importância de sua posição em um universo retratado como hostil para a situação humana. É parcialmente através do agenciamento de Plutão que Júpiter é capaz de usufruir de seu plano de extirpação das casas reais. A vingança da divindade infernal contra a humanidade é aparente especialmente em seu discurso no início do livro 8 (34-79). A passagem precedente, que descrevem os vários poderes infernais reunidos contra o homem e o ameaçando mesmo após a morte (21-31), transmitem a impressão de uma hostilidade sobrenatural devastadora sobre o homem. Sua vingança contra a raça humana e uma tendência à injustiça são exemplificadas especialmente nas ações de Plutão e das Parcas. Enquanto estas conduziam as almas antes de Plutão e as condenava mesmo antes de poderem ser julgadas, o cruel suserano dispensava sua pungente 'justiça', despreocupado com a real inocência ou culpa das almas (8.23, 26-29, 30s.). Plutão ordena Tisífone a retaliar a suposta violação de sua soberania sobre o mundo subterrâneo por um de seus irmãos, executando quatro horripilantes proezas. São estas a fratricídio de Etéocles e Polinice (8.69-71; cf. 11.387ss.), a antropofagia de Tídeo (8.71s.; cf. 8.751ss., 11.85-88), o decreto de Creonte, proibindo o enterro dos cadáveres argivos (8.72-74; cf. 11.661-664) e o desafio de Capaneu a Júpiter (8.76s.; cf. 10.831ss., 11.88-91). Todos esses crimes perpetrados por Tídeo, Creonte e Capaneu foram instigados pelas Fúrias por ordem de Plutão.

Marte é frequentemente mostrado agindo em nome de Júpiter em seu papel de *agent provocateur*. A descrição do poder horrivelmente destrutivo daquele envolve esse diretamente na morte e no sofrimento que ocorrerá na guerra por vir entre Tebas e Argos, uma vez que Marte é consistentemente mostrado agindo diretamente sob suas ordens. De fato, Marte é um dos mais temidos deuses na *Tebaida*. Em inúmeras ocasiões, ele é mostrado destruindo cidades ou inflamando ou coagindo pessoas e até mesmo deusas à violência (p. ex., 3.220s., 420s., 430s., 577-593; 7.81-84, 105-139, 234-236, 703s.; 8.383-387; 9.566s., 841s.; cf. 7.22-25, 41-62, 172-174, 695-698), frequentemente sob as ordens de Júpiter e, certamente, para seu prazer (p. ex., 7.84s., 236).

Baco é geralmente retratado como uma divindade cruel e destrutiva na narrativa (p. ex., 1.11, 229-231, 4.383-389, 7.564-567; cf. 2.80ss., 7.662), mesmo com Júpiter destacando o pungente destino de Penteu, que

foi desmembrado pelas mulheres de Tebas, instigadas por Baco, por cometer um crime menos sério do que aqueles cometidos por Édipo (7.211-214; cf. 1.229s.). O comportamento de Baco pode ser frequentemente explicado por seu desejo de salvaguardar Tebas, sua cidade favorita (4.670-679, 7.155-192; cf. 4.684ss.), ou humanos favoritos, a saber, Hipsípile (5.265ss., 712ss.) e Euneu, mas suas excentricidades de suporte divino também são aparentes em seu caso quando ele não intervém para salvar Hipsípile uma segunda vez (496-498) e abandona Euneu depois de lançá-lo no motim para encontrar a morte nas mãos do gigantesco Capaneu (7.662ff; cf. 649-651).

Apolo mostra uma tendência destrutiva, crueldade extrema e indiferença negligente na *Tebaida*. Como Baco, a preocupação que Apolo mostra por seus humanos favoritos, tais como Anfiarau (p. ex., 7.770-793) está mais do que contrabalanceada por seu desempenho massacrante no campo de batalha e sua demonstração de despreocupação negligente pelas vítimas miseráveis da *androktasia* de profeta-guerreiro que ele insinuava (cf. 690-769). Notadamente, figuras humanas que sofreram com a indiferença apoloniana são Polinice, cuja morte o deus quase causa na corrida de bigas para assegurar a vitória de Anfiarau (6.491-512) e o cocheiro da biga, Herse, que é morto quando o deus desvia da lança de Hypseus lançada contra si para salvar seu sacerdote favorito (7.737s.). Apolo também inspira o pronunciamento oracular de Anfiarau que exige a *Opfertod* de Menoceu (10.624, 667, 762s.).

As aflições que Apolo nutriu nos argivos no episódio de Coroebus são paralelas ao sofrimento e à agonia extensivos que ele causou em Argos na narrativa principal, quando ele previne Adrasto e Anfiarau de compreenderem o terrível propósito de seu pronunciamento na chegada iminente dos futuros genros do monarca (cf. 1.395-400). Como na corrida de bigas na narrativa principal, na qual ele cria um monstro para amedrontar o cavalo Arion e através disso quase causar a morte de Polinice (6.495-512), Apolo revela-se indiferente ao bem-estar humano no episódio de Coroebus. Neste episódio, Apolo violenta Psâmate e não faz nada para protegê-la, ou sua criança, da morte (1.571ss.). Como retribuição pela execução de Psâmate, Apolo envia um monstro a Argos para devorar crianças inocentes (596-604), que é remanescente de sua criação e do envio de uma serpente monstruosa para beneficiar a biga de Polinice durante os jogos funerais de Opheltes na narrativa principal (6.495ss.); e ele causa ampla devastação e morte ao enviar uma pestilência sobre Argos (1.627-633). Estas façanhas violentas e indiferentes sobre o inocente argivo lembram seus atos e os de outros deuses indiferentemente contra a humanidade, na narrativa principal.

DEUSAS E HOMENS

O papel destrutivo das deusas no poema é não menos proeminente do que aquele das divindades masculinas. Deusas, como Juno, (p. ex., 10.126ss.) e Vênus (p. ex., 5.157ss., 190ss.) são mostradas como sendo tão capazes de fomentarem violência e derramamento de sangue quanto os deuses. De fato, as deusas são responsáveis por instigar alguns dos mais violentos e sangrentos eventos no épico. É o caso das Fúrias, que engendram as ações inspiradas por Plutão e forçam suas vítimas humanas a participar de eventos que causam o fratricídio de Etéocles e Polinice. É este importante papel que leva certo crítico a afirmar que Tisífone é a maior incentivadora e guia das ações na *Tebaida*¹³, e outro a assumir que Júpiter falha em seu papel instigador porque ela é mais poderosa e mais bem-sucedida em provocar as ações¹⁴. Em resposta à maldição de Édipo, as Fúrias voltam-se Etéocles e Polinice e os infectam com sede de poder e inveja e ódio recíprocos, até mesmo inspirando o fadado pacto de alternância de regência dos irmãos (1.123-143, 7.467; cf. 7.468). É a intervenção direta das Erínias que é responsável pela explosão de hostilidade (7.564ss.). As Fúrias unem seus terríveis poderes para influenciar diretamente as ações de Polinice e Etéocles (p. ex., 466-469). Tisífone é vista conversando com sua irmã Megera pouco antes de incitarem os irmãos ao mútuo fratricídio (11.57-112). Na longa cena que leva a e culmina com a mútua destruição dos irmãos (57-579), Megera influencia Polinice três vezes (150-154, 196-204, 403-405) e Tisífone interfere diretamente ou estimula as ações de Etéocles em duas ocasiões (382-389, 403-405). A forte impressão transmitida é que sem a interferência das Fúrias nessas ocasiões, o fratricídio não teria ocorrido. De fato, não há menção sobre nenhum desejo por parte dos irmãos de se matarem até a intervenção direta das Fúrias.

As Fúrias são mostradas exercendo seu poder sobre outras figuras proeminentes no poema não só tal como Laius (cf. 2.7-10, esp. 10), mas também notadamente Édipo, Tideu, Creonte e Capaneu. Édipo já está sob o controle delas quando ele amaldiçoa seus filhos (1.51s., 11.617-619). O início de sua maldição mostra que as Fúrias exerceram uma forte influência sobre suas ações desde o momento de seu nascimento (1.60-72). O assassinato de seu pai (1.64-66; cf. 1.73s., 88s.; 2.7-10; 11.491) e incesto (1.68-70; 11.491s.) são dois de seus mais notáveis crimes que são mostrados como inspirados pelas Fúrias. As Fúrias continuam a influenciar o comportamento de Édipo (p. ex., 7.466-469, esp. 468) até elas libertarem-no de seu controle depois

¹³ HERSHKOWITZ, Debra. *The Madness of Epic: Reading Insanity from Homer to Statius*. Oxford: Clarendon Press, 1998. p. 261.

¹⁴ GANIBAN, *Statius and Virgil*. p. 110.

do assassinado de seu pai (cf. 11.599ss., esp. 617-621). O texto mostra, conclusivamente, que as Fúrias, principalmente a Tisífone, exercem controle sobre Édipo por quase toda a extensão da epopeia (1.49-11.580; cf. 11.619) até ele ter feito o que elas queriam. Tisífone enlouquece Tideu (8.757s.; cf. 11.85-88) ordenado por Plutão (8.71s.) e é obrigado a se lambuzar com os miolos e o sangue do cadáver de Melanipo (8.760s.; cf. 757). Apesar de Estácio retratar a recusa de Creonte de enterrar os cadáveres argivos como típico das ações de um monarca tirano (11.661-664; cf. 11.680s., 3.96-98), ele, no entanto, mostra que o comportamento de Creonte é inspirado pelas Fúrias em resposta ao comando de Plutão (8.73s.; cf. 12.590s., 184-186). Similarmente, o desafio insano de Capaneu a Júpiter é mostrado como sendo instigado pelas Fúrias por ordem de Plutão (8.76s.; 11.88-91).

O papel pernicioso e a influência das Fúrias não estão limitados meramente aos maiores eventos da *Tebaida*. As Fúrias são, direta ou indiretamente, responsáveis por muitas das ações que acontecem no campo de batalha (cf. 1.227-229). Elas não são apenas frequentemente mostradas como inspiradoras dos guerreiros dos dois lados para uma marcha violenta e que os leva à morte na batalha (p. ex., 7.562ss., esp. 562s., 579ss.; 8.344-347; cf. 3.630s., 7.466s.), mas também são apresentadas em outras cenas ilustrando sua natureza cruel e vingativa (p. ex., 1.476s., 597-599; 3.641; 4.643; 5.156s.).

Da conduta das malevolentes Fúrias pode-se entender, como mencionado anteriormente, que as divindades femininas na epopeia exibem uma propensão destrutiva igual a de seus opositores masculinos. Minerva é descrita como a rival de Marte (cf. 2.718s., 7.33, 9.87s.) e de Bellona (cf. 2.718s.), em termos de poder destrutivo, e é geralmente representada como uma terrível deusa da guerra (p. ex., 2.704s., 710-713, 715s.), mais notadamente quando ela assiste a Teseu em sua aventura destrutiva contra Tebas, causando temor nos moradores com a defesa dela (12.606-610; cf. 2.716s.). Bellona, a opositora feminina de Marte (cf. 5.155, 7.73, 11.83) e uma deusa especialmente poderosa (cf. 4.5-8), inspira os argivos (4.9-12, 8.655s.) e os tebanos (8.348-352) a um desejo enlouquecedor por guerra. Enquanto a conduta destas deusas da guerra não mostra surpresa, é significativa que deusas como Juno e Vênus sejam diretamente responsáveis pelos incidentes mais violentos e insensíveis na *Tebaida*. Até mesmo Diana, que abre caminho para Marte no campo de batalha (9.831-840), é referida por Tideu como uma ponderosa deusa da guerra (2.716), cuja morte ela traz pelo assassinato de Partenopeu (cf. 9.665-667).

Um dos episódios mais sem sentido e sangrento no poema é instigado por Juno quando ela faz com que Somnus adormeça os tebanos e os arredores do campo argivo, tendo como resultado estes poderem matar seus

inimigos facilmente (10.126ss.; cf. 79-82). O massacre noturno, com Juno na frente da ação (282-284), é mostrado com os maiores detalhes gráficos do horror (271-325). Vênus é responsável pelos exemplos mais horríveis da intervenção olimpiana narrada na *Tebaida*. Na história, o massacre de Lemno contado por Hipsípile, Vênus está enraivada por causa do fracasso das mulheres de Lemno em fazer uma correta homenagem a ela e resolve vingar-se (5.58ss.). Ela destrói o amor nupcial com a ajuda das Fúrias (64-74), infecta os homens com ciúmes marciais para que eles ataquem e destruam os habitantes inocentes de Trácia (73-84, esp. 75-80; cf. 53s., 170-176), instiga o sacrifício humano das mulheres (157-165) e o massacre de seus maridos com a ajuda das Fúrias (190-240; cf. 85-169), e, junto com Amor e Juno induz as mulheres a apaixonar-se pelos argonautas que termina com o detrimento delas (445ss.; cf. 471-485). Enquanto Hipsípile relata seu enorme conto, mais um ato de crueldade divina é perpetrado quando os deuses pedem ao exílio para inocentarem Ofelto (499-501), logo após sendo devolvido pela serpente favorita de Júpiter (505-540).

As *Fata* ('os Fados') intervêm frequentemente nos assuntos humanos com consequências desastrosas (cf. 3.179s.). Estas deusas deixam Etéocles incapaz de prestar atenção nos avisos de Maeon sobre o destino infeliz da festa preparada para assassinar Tideu em seu retorno à Tebas (2.694s.), que resulta na ignominiosa sobrevivência do agouro (cf. 3.40-42, 67-69) e na morte de quarenta e nove de seus companheiros (cf. 3.59-77, esp. 59-63, 75-77); elas acabam com as tentativas de Adrasto e Anfiarau em evitar a guerra (cf. 4.3s.); enfraquecem a resolução de Anfiarau, que é contra a guerra (cf. 3.620-647), ao fazerem um ataque violento contra sua vontade (4.187-195 [Atropos]); certificam-se do fracasso dos nobres Hopleus e Dimas ao tentarem resgatar o corpo de Tídeo da inveja dessas deusas (cf. 10.384s.); e motivam Creonte, contra sua vontade, em acreditar na palavra de Menoceu, que estaria voltando à cidade para pedir ajuda para salvar um companheiro machucado (727-737). Às vezes, as *Fata* não impõem seu desejo em indivíduos ao ponto de não permitirem algo favorável acontecer, como, por exemplo, quando eles não dão um final favorável a Ofelto (cf. 1.586-590).

Fortuna, a contraparte determinística das *Fata* ('os Fados'), revela uma natureza caprichosa e danosa (cf. 6.691s., 936s.; 8.456ss.). Desaprovando o fratricídio, a deusa posterga-o (11.447ss.), enquanto posterga a interferência na corrida de bigas durante os jogos funerários (6.474s.). Mas, após um impressionante arremesso de disco de Flégias (678-684), ela intervém, estragando a tentativa dele (691-696). Em outro lugar, Fortuna é descrita regozijando ao frustrar as esperanças de Etéocles e Polinice (11.648), transferindo *maligna manu* ('com uma mão maligna', 649s.) o cetro do po-

der a Creonte (649-651), ridicularizando os parentes das vítimas da guerra (12.35), retirando-o do santuário da justiça (505). Ela é ainda mencionada como a possível causa do massacre de Tideu pelo bando de guerreiros tebanos enviados em uma emboscada a ele (3.60-62, esp. 61) e da cataclísmica fusão das cinzas de Etéocles e do cadáver de Polinice (12.420-423, esp. 422).

Apesar de todas as divindades masculinas no poema serem retratadas em termos não favoráveis, nem todas as deusas no poema, entretanto, exibem comportamento cruel e injusto. As duas exceções são Pietas ('Piedade'), que é mostrada ofendendo-se pelo comportamento das outras divindades e vive longe deles em uma região remota nos céus (11.457ss.), e a incorpórea Clementia ('Clemência'; cf. 12.493s.), que é descrita como nenhum típico deus de poder e como uma divindade gentil (481ss.). Mas, mesmo uma deusa como Virtus ('Virtude') revela a propensão à violência e destruição, como sugerida por sua associação com um anfitrião de divindades cujas qualidades são dificilmente admiráveis. De fato, Virtus, como Amor mencionado anteriormente, funciona na *Tebaida* como uma deusa de inspiração marcial em vez de virtude. O momento supremo de Virtus ocorre quando ela inspira o mergulho suicida de Menoceu nas linhas inimigas (10.756ss.; cf. 628-630, 657, 661-671, 678-681, esp. 672-677). Menoceu claramente não submete-se 'by his own free choice . . . in the divine will', como tem persistido Vessey¹⁵. Em vez disso, Menoceu não tem tal livre escolha para agir como ele deseja, uma vez que ele mostra relutância inicial para seguir as instruções de Virtus (672) e o faz apenas depois dela tocá-lo fisicamente e implantar nele um amor letal (671, 672-677; cf. 661-671, 678-681, esp. 672-677).

Algumas vezes, os métodos das divindades na *Tebaida* são meramente indiretos, como no episódio de Ofelto em que Fama ('Boato') quase causa o linchamento do inocente Licurgo depois dela espalhar falsos rumores sobre o destino da primeira rainha lemiana (5.691ss.), ou, quando encorajada por Bellona e Marte, ajuda a incitar a guerra espalhando rumores sobre sua inevitabilidade (3.425-431). Algumas vezes, os grandes poderes só aparecem nas cenas de destruição. Quando Vênus destrói o amor matrimonial das mulheres lemianas com a assistência das Fúrias, as divindades Odia, Furor e Discórdia, todas obviamente deuses de emoção, estão simplesmente presentes (64-74).

¹⁵ VESSEY, David. *Statius and the Thebaid*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973. p. 120.

LIVRE ARBÍTRIO DE HUMANIDADE

Estácio percorre um caminho considerável para estabelecer uma representação consistente da desesperança do homem em um universo opressivo. O poeta destaca as qualidades pessimistas da condição humana: a limitação do homem em relação a seu escasso conhecimento, ata de entendimento sobre o universo e sua geral falta de poder. Estas deficiências e a hostilidade dos deuses desabilitam o homem a exercer qualquer grau significativo de livre arbítrio e, portanto, ter qualquer melhora significativa ou duradoura em sua posição. Em muitas situações dramáticas, vários personagens parecem não compreender a natureza básica do universo e a posição vis-à-vis dos deuses.

A grande maioria das ações humanas destrutivas da *Tebaida* é atribuível as maquinações danosas dos altos poderes. Em geral, o homem é mostrado como um ser racional e não violento quando ele não está sob o controle das forças sobrenaturais, que, por sua vez, neutraliza a civilizada humanidade. No início do épico, os argivos são retratados relutando para deixar suas famílias e lares, apesar de Bellona já tê-los inspirado com o desejo por guerra (4.5-31). De forma parecida, os tebanos, ainda não afetados pela influência de Marte, são mostrados sem entusiasmo em sua reparação para a guerra a pensarem apenas em suas famílias (349-356), mas a referência à posse de Tebas pelas Fúrias (642-643) mostra que os habitantes da cidade têm algum controle sobre suas próprias vidas e são manipulados por forças sobre-humanas. Mais especificamente, as figuras humanas no épico não apresentam desejo em desempenhar ações destrutivas até os deuses os incitarem a fazê-las. Exemplos disto são Etéocles, que é mostrado inicialmente (2.92) satisfeito com seu lote e despreocupado com o futuro antes dele ser tomado por forças sobrenaturais (102ss.); Édipo, que é retratado como amargo e vingativo quando está sob o controle das Fúrias (1.46-87, esp. 51s., 60-72, 68-70; 7.466-469, esp. 468), mas é uma pessoa totalmente diferente quando poderes superiores o livram de suas influencias (11.599ss., esp. 617-621); e Anfiarau, que é mostrado como um *uates* pio e pacífico até os deuses o tomarem e enchê-lo de sede por guerra e um insaciável desejo por sangue.

Apesar dos humanos estarem ocasionalmente conscientes de que o que ocorre é geralmente atribuível diretamente às divindades malévolas (p. ex., 11.329-331, 12.401), a maioria das figuras humanas, dos heróis aos seus *Heldenknaben* e suas mães, parecem ignorar as tramas dos deuses contra eles apesar de repetidas lembranças da hostilidade sobrenatural. A posição trágica da raça humana na *Tebaida* está não somente na sua falta de livre arbítrio generalizada, mas, também, em sua generalizada ignorância sobre a natureza precisa do papel determinante e destrutivo dos deuses nas

relações humanas. Essa ignorância é evidente no início da *Tebaida*, também no caso de Polinice, que, de forma similar, ignora o perigo que o ameaça de cima (cf. 1.324-328). Nada muda a esse respeito até o fim do épico, como mostrado nas preces de Etéocles a Júpiter (11.210-225, 248s.), o mesmo deus que está tentando destruí-lo.

Esta ignorância humana das maquinações dos deuses aplica-se não só à maioria das vítimas dos eventos sobrenaturalmente motivados, mas, também, aos seus parentes e aos observadores de tais eventos (p. ex., 9.1-4). Notáveis exceções incluem Maeon (2.690-696) e Anfiarau (3.620-647), que estão cientes do que os aguarda no futuro, mas cujas advertências são ignoradas por conta das intervenções sobrenaturais. A maioria dos discursos oraculares e proféticos contém presságios de advertência para impedir desastres (p. ex., 3.620-647; 5.733-752, esp. 738; 4.626-644; 5.483-602, 647; 9.560-562; 10.610-615), mas estes são desconsiderados, mal entendidos, mal interpretados, ou mal feitos praticamente sem propósito (p. ex., 5.681-689, esp. 688s.; 9.726ss.; 10.624ss., 690ss.); estes discursos também enfatizam a inutilidade da revelação divina, a desesperança da posição do homem e a falta de livre arbítrio deste. Em inúmeros casos, as vítimas revelam incerteza acerca da precisa natureza do papel dos deuses, mesmo quando eles estão conscientes de seu possível envolvimento (p. ex., 3.60-62 [Maeon]; 6.143-161 [Eurídice]). Apenas ocasionalmente uma específica figura dá-se conta de que um evento particular é sobrenaturalmente engendrado e está além do poder humano preveni-lo (p. ex., 11.329-331 [Jocasta]).

A impotência geral da raça humana e sua falta de livre arbítrio têm particular proeminência nos episódios metadieéticos nos livros 1 (562ss.) e 5 (156-165, 190-240; cf. 85-169; 445s.) através da maquinação de Apolo e da imposição da vontade divina sobre as mulheres lemianas respectivamente, que deixam os argivos sem saída e os lemianos (com exceção de Hipsípile) incapazes de exercerem seu livre arbítrio. Simplesmente não há nada que as personagens humanas possam fazer para prevenirem-se contra o que os deuses ordenarem. O máximo que pode ser feito é adiar o inevitável como, por exemplo, quando Adrasto impede a eclosão da guerra por dois anos (cf. 4.1-4). O sofrimento dos tebanos e dos argivos, que são retratados como vítimas indefesas da crueldade e da injustiça sobrenatural, demonstra a inabilidade do homem para exercer qualquer grau significativo de livre arbítrio e, assim, controlar seu próprio destino contra o devastador poder dos deuses. Estácio está determinado a reforçar a natureza limitada do poder e do conhecimento humanos em relação ao que é exercido pelos poderes sobrenaturais e apontar o imenso sofrimento causado pela hostilidade incessante dos deuses. Os tebanos e os argivos são amplamente retratados como vítimas sem esperança de uma guerra instigada pelos poderes sobrenaturais para

destruir suas raças. A imposição da vontade divina sobre a humanidade é vista consistentemente como sendo o fator mais importante por trás do fraco e desesperançoso estado da raça humana e sua correspondente ausência de livre arbítrio.

REFERÊNCIAS

AHL, Frederick M. *The Thebaid: A Reconsideration. Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* 2.32.5, 1986, p. 2803-2912.

BERNSTEIN, Neil. *Auferte Oculos: Modes of Spectatorship in Statius Thebaid* 11. *Phoenix*, n. 58, p. 62-85, 2004.

GANIBAN, Randall T. *Statius and Virgil: The Thebaid and the Reinterpretation of the Aeneid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

HERSHKOWITZ, Debra. *The Madness of Epic: Reading Insanity from Homer to Statius*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

HILL, D. E. Statius' *Thebaid*: A Glimmer of Light in a Sea of Darkness. In: BOYLE, A. J. J. (Org.). *The Imperial Muse. Ramus Essays on Roman Literature of the Empire: Flavian Epicist to Claudian*. Bendigo: Aureal Publications, 1990. p. 98-119.

_____. *Thebaid* I Revisited. In: DELARUE, Fernand; GEORGACOPOULOU, Sophia; TAISNE, Maria (Org.). *Epicition: Hommage à P. Papinius Statius 96-1996*. Poitiers: UFR Langues Littératures, 1996. p. 35-54.

_____. Jupiter in *Thebaid* 1 Again. In: SMOLENAARS, Johannes J. L., VAN DAM, Harm-Jan; NAUTA, Ruurd R. (Org.). *The Poetry of Statius*. Leiden: Brill, 2008. p. 129-141.

HOLLAND, James E. *Studies on the Heroic Tradition in the Thebaid of Statius*. Ph.D. Diss. Missouri, Columbia, 1976.

VESSEY, David. *Statius and the Thebaid*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

Submetido em 16/09/2010

Aceito em 22/01/2011